
À VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA EM PORTUGUÊS NO DOMÍNIO
DA DERMATOLOGIA

ANA MARIA RIBEIRO DE JESUS*

LÍDIA ALMEIDA BARROS**

RESUMO

A terminologia da Dermatologia contempla não apenas termos científicos, mas também populares, aqueles que os pacientes empregam e que os médicos precisam conhecer para que a comunicação seja possível. O objetivo do presente trabalho é traçar um perfil do conjunto terminológico em português da área da Dermatologia no que concerne à variação terminológica.

PALAVRAS-CHAVE: Terminologia, variação lexical, dermatologia, socioterminologia.

1 INTRODUÇÃO

O paciente assustou-se quando o médico proferiu o diagnóstico na forma de uns versinhos.

– Você pegou cancro-mole, cavalo-de-crista, mula. Porém respeitando a bula deste meu medicamento com um mês de tratamento você de novo copula.

Jorge Machado, *As aventuras de Doloca*

Todo ser humano é passível de adoecer e, em todos os lugares, as doenças precisam ser nomeadas. Daí a tendência à riqueza da variação terminológica no domínio da Medicina. Esse fenômeno se dá no nível pragmático/discursivo e não-conceptual, ou seja, a diferença entre

* Mestre em Estudos Lingüísticos, professora do Centro Universitário de Votuporanga, Unifev.

E-mail: anaself@yahoo.com.br

** Professora Assistente Doutora da Unesp-Universidade Estadual Paulista, Campus São José do Rio Preto (SP).

E-mail: lidia@ibilce.unesp.br ou lidia@westnet.com.br

hanseníase e lepra, por exemplo, não é a doença em si, nem o conceito que esses termos designam, mas a situação de uso desses termos.

O fenômeno da variação lexical está muito presente na terminologia da Dermatologia. Neste trabalho, procederemos a um estudo da variação lexical nesse campo do saber, procurando evidenciar os tipos de variantes mais freqüentemente encontrados em textos dessa área redigidos em português.

2 VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA: MODELOS TEÓRICOS

Em Terminologia, alguns autores têm-se debruçado sobre a questão da variação lexical nas línguas de especialidade e elaboraram propostas de categorias nas quais as variantes geralmente se enquadram. Nos próximos itens apresentaremos de modo sucinto os principais modelos propostos por esses teóricos.

2.1 *A Teoria Geral da Terminologia (TGT) e a variação terminológica*

A relação entre os estudos da variação emergentes nos últimos anos e a univocidade lingüística proposta pela Terminologia wusteriana é assim explicada por Krieger (2001):

As aplicações e os estudos da terminologia têm efetivamente demonstrado a impropriedade do princípio da homogeneidade lingüística que desconsidera, entre outros aspectos, a variação terminológica e o próprio funcionamento sinonímico de alguns termos em diferentes comunicações especializadas. Ao mesmo tempo, vale observar que a crença na invariância denominativa e conceitual fundamenta-se no princípio da universalidade da ciência, sendo também reveladora de uma concepção positivista sobre a produção do conhecimento. Além disso, os vocabulários especializados dessas novas áreas científicas e tecnológicas valem-se, em larga medida, do chamado léxico comum da língua, diferenciando-se das ciências

fundadoras que instituíram seus termos com grande número de formantes greco-latinos.

O não-reconhecimento da variação terminológica como um fenômeno lingüístico natural e a proposta de estabelecimento do princípio da univocidade do signo terminológico eram determinados pela perspectiva de normalização adotada pela TGT. Boulanger (1995) afirma que, com a idéia de univocidade, buscava-se retirar do termo seu direito à variação, com relação aos aspectos semânticos e formais, além de não reconhecer a polissemia como natural e nem a sinonímia como pertinente:

Esse reducionismo lexical era buscado: é evidente que o esforço pela “univocidade” tinha como objetivo acabar com a multiplicidade das situações e das variações de comunicação a uma situação singularizada e simplificada ao máximo. (BOULANGER, 1995, p. 196)

Louis-Jean Rousseau (1996) concebe a variação terminológica como um fenômeno natural que o terminólogo deve levar em conta. Entretanto, acredita que haja ainda muito trabalho para os pesquisadores dos diversos tipos de discursos especializados, das diferentes circunstâncias de comunicação, assunto ainda insuficientemente explorado na opinião do autor (ROUSSEAU, 1996, p. 25). Considerando os quase dez anos que se passaram desde que Rousseau escreveu as afirmações supracitadas, acreditamos que as aspirações do autor estão sendo atualmente atingidas. Há necessidade de avanço, mas as pesquisas já estão mais aprofundadas nesse sentido.

2.2 *Alain Rey*

Alain Rey (1979) propõe uma hierarquização das terminologias que vai do mais abstrato ao mais concreto e que, segundo Auger (2001, p. 187), “permite medir a ‘tolerância’ à variação”. Rey propõe a seguinte classificação hierárquica:

	Tipologia	Característica	Exemplo
a.	Nomenclaturas científicas	oriundas de classificações sistêmicas; admitem uma sinonímia bem controlada.	l para litro, Ag para prata
b.	Terminologias científicas	oriundas da teorização de conceitos e sua organização nas ciências; admitem uma sinonímia relativa que se exprime por uma variação inter-teórica.	terminologia da física
c.	Terminologias técnicas	oriundas da elaboração de novas tecnologias; admitem sinônimos totais, mas são o alvo predileto dos normalizadores.	terminologia hidráulica (encanamento)
d.	Terminologias de jargões profissionais	oriundas de grupos socioprofissionais e limitadas a esses grupos (próximas aos idioletos); são, por natureza, permeáveis à variação.	neo (neoplasia, tumor maligno em Medicina)
e.	Terminologias publicitárias	oriundas da democratização da tecnologia e dos imperativos do consumo; admitem uma multiplicidade de designações.	a boa, a nova (cervejas)

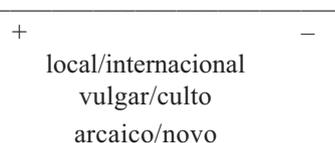
A terminologia estudada no presente trabalho (Dermatologia) enquadra-se no item *b* da proposta de Rey. Como demonstra o autor, as terminologias científicas constituem o segundo nível “menos atingido” pelo fenômeno da variação. Esta, entretanto, não deixa de ocorrer.

2.3 *Maria Teresa Cabré*

Embora o léxico permita uma manifestação visível da variação, Cabré (1996) lembra que nem todos os tipos de variação existentes na língua atingem o léxico. No que concerne a esse nível de análise lingüística, para a autora, as variantes mais usuais produzidas em cada um dos “parâmetros de variação” (dialetais, comunicativos e estilísticos) são:

1. do ponto de vista dos dialetos geográficos encontramos no léxico variantes como: localismos, comarcalismos, regionalismos, internacionalismos etc.
2. do ponto de vista dos dialetos sociais: cultismos, popularismos, vulgarismos, léxico infantil, gíria etc.
3. do ponto de vista dos dialetos temporais: arcaísmos, neologismos etc. (CABRÉ, 1996).

Nos três casos, as variantes podem ser descritas, segundo Cabré, em um eixo de gradação situado entre os pólos + e –:

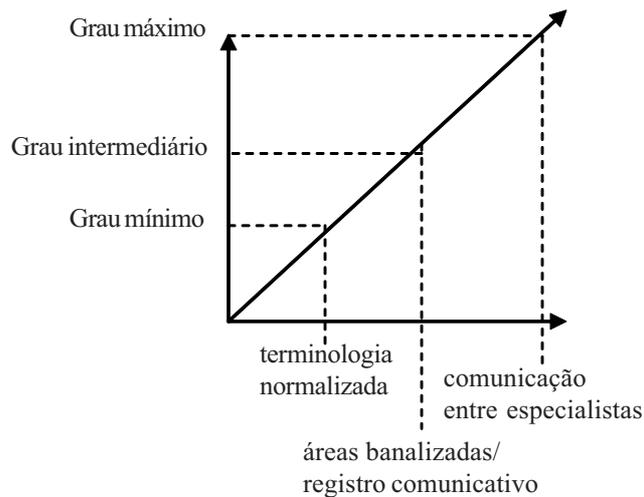


Segundo Cabré, essa classificação se aplica ao léxico da língua em geral. Quanto aos termos das línguas de especialidade, que a autora denomina *tecnoletos léxicos*, esse tipo de variação coincidiria apenas parcialmente com a variação da língua geral. O eixo proposto nesse caso deve considerar também o grau de especialização ou o nível de abstração em relação ao léxico comum: + – geral/especializado.

Os termos variam de acordo com os níveis de língua e são influenciados pelas situações de comunicação. Assim é o *Princípio da variação* estabelecido por Cabré:

Este princípio é universal para as unidades terminológicas, apesar de admitir diferentes graus segundo as condições da situação comunicativa. O grau máximo de variação da terminologia seria composto pelos termos das áreas mais banalizadas do saber e os que seriam utilizados no discurso de registro comunicativo de divulgação da ciência e da técnica; o grau mínimo da variação seria próprio da terminologia normalizada por comissões de especialistas; o grau intermediário, a terminologia usada na comunicação natural entre especialistas. (CABRÉ, 1999, p. 85)

Graficamente, podemos representar as colocações de Cabré do seguinte modo:



Na figura acima, o eixo vertical representa os graus de variação e o eixo horizontal, as unidades terminológicas nas diferentes condições de situação comunicativa.

2.4 *Louis-Jean Rousseau*

Rousseau (1996, p. 25) enumera três categorias de variação principais, as quais o trabalho terminológico deveria levar em conta na descrição dos usos:

- Variação *geográfica* ou *topoletal*, que depende notadamente da pluralidade dos locais de criação terminológica; dá lugar a tradições terminológicas diferentes; também é conseqüência da elaboração de terminologias isoladas, sem que os criadores se comuniquem. Nos casos extremos, poder-se-ia falar em babelização terminológica.

• Variação *sociotecnológica*, que corresponde a diferentes níveis de tecnicidade, de “literaridade” profissionais, estratos de comunicação em um determinado meio. No exame desse tipo de variação seria necessário distinguir o conhecimento passivo do uso real dos termos, dar conta do oral e do escrito, estudar os fenômenos de alternância de código terminológico e outros, tais como gírias profissionais, a fim de se verificar como funciona a comunicação real em determinado meio profissional.

• Variação *técnico-comercial*, que surge geralmente do marketing de empresas que escolhem deliberadamente denominações diferentes para produtos a fim de particularizá-los, com objetivo estritamente comercial.

2.5 Pierre Auger

Ao abordar as formas da variação nos discursos de especialidade, Auger (2001, p. 205) enfatiza que os autores geralmente citam o espaço, o tempo, a situação comunicativa, a estratificação sociolingüística e o meio socioprofissional. O autor propõe, então, a seguinte classificação:

- Variação *regioletal*: falares regionais/dialetos.
- Variação *cronoletal*: *continuum* e história: construção dos saberes.
- Variação *socioletal*: nível de especialidade/nível de língua (registros: familiar, culto, formal)/nível estilístico.
- Variação *idioletal*: do indivíduo; por natureza, escapa ao controle, infinita, interesse limitado.

2.6 Enilde Faulstich

Faulstich (1997, p. 145) estuda as tendências da variação terminológica no português do Brasil e propõe um modelo de classificação das variantes. A autora afirma que, em Terminologia, as variantes comportam-se como variáveis dependentes, dentro de um processo de variação em que dois termos (*X* e *Y*) mantêm relação de concorrência. Para Faulstich,

os fenômenos variáveis ocorrem no sistema interno da língua na qual estão redigidos os textos de especialidade. A autora divide as variantes terminológicas em duas classes:

a) Variantes terminológicas *lingüísticas*: “são aquelas cujo fenômeno propriamente lingüístico determina o processo de variação” (FAULSTICH, 2002, p. 68):

- Variante *fonológica*, “em que o registro pode surgir de formas decalcadas na fala” (FAULSTICH, 2002, p. 68).

- Variante *morfológica*, “a que apresenta alternância de estrutura de ordem morfológica na constituição do termo, sem que o conceito se altere” (FAULSTICH, 2002, p. 69).

- Variante *sintática*, “em que há alternância entre duas construções sintagmáticas que funcionam como predicação de uma unidade terminológica complexa” (FAULSTICH, 2002, p. 69).

- Variante *lexical*, “em que algum item da estrutura lexical da unidade terminológica complexa sofre apagamento ou movimento de posição, mas o conceito do termo não se altera” (FAULSTICH, 2002, p. 69).

- Variante *gráfica*, “a que se apresenta sob forma gráfica diversificada de acordo com as convenções da língua” (FAULSTICH, 2002, p. 69).

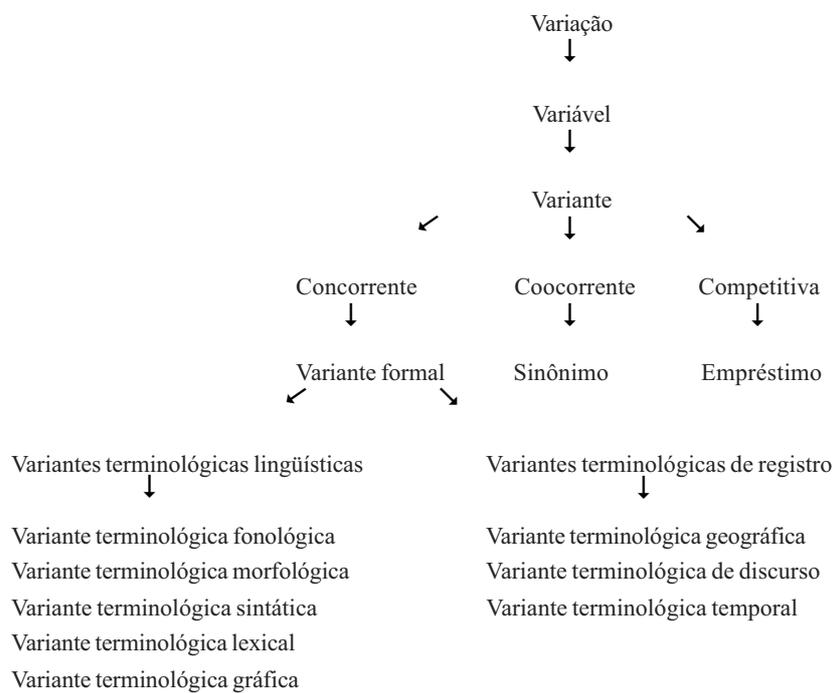
b) Variantes terminológicas *de registro*: “são aquelas cuja variação decorre do ambiente de concorrência, no plano horizontal, no plano vertical e no plano temporal em que se realizam os usos lingüísticos dos termos” (FAULSTICH, 2002, p. 69):

- Variante *geográfica*: “aquela que ocorre no plano horizontal de diferentes regiões em que se fala a mesma língua. Pode decorrer ou de polarização de comunidades lingüísticas geograficamente limitadas por fatores políticos, econômicos ou culturais, ou de influências que cada região sofreu durante sua formação” (FAULSTICH, 2002, p. 70).

- Variante *de discurso*, “a que decorre da sintonia comunicativa que se estabelece entre elaborador e usuários de textos científicos e técnicos” (FAULSTICH, 2002, p. 70).

• Variante *temporal*, “aquela que se configura como preferida no processo de variação e mudança, em que duas formas (X e Y) concorrem durante um tempo, até que uma forma se fixe como a preferida” (FAULSTICH, 2002, p. 70).

Esquematizando, Faulstich elabora o “constructo teórico da variação”:



A autora demonstra, no esquema acima, que o processo da variação produz variantes que, por sua vez, podem ser de tipo concorrente, coocorrente ou de competição. Esta última se caracteriza pela relação que os *empréstimos* estabelecem entre si, a segunda corresponde à relação entre os *sinônimos* e a concorrência é processo característico das variantes classificadas em dois grupos: *lingüísticas* e *de registro*.

3 A VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA NO DOMÍNIO DA DERMATOLOGIA

Com base nesses autores, procederemos, neste artigo, a uma análise da presença da variação lexical na terminologia da Dermatologia. Nos próximos itens, demonstraremos como esse fenômeno lingüístico se manifesta nesse domínio do saber, considerando que as variantes lexicais encontradas em textos desse domínio (assim como as variantes de qualquer outro domínio) podem ser classificadas em dois grandes grupos: variantes lingüísticas e sociolingüísticas.

3.1 *Variantes terminológicas lingüísticas*

Esse primeiro tipo de variante é determinado por um fenômeno propriamente lingüístico, ou seja, as variantes são motivadas por questões internas à língua. Subdividimos esse grupo nas seguintes categorias: variantes fonológicas, variantes morfológicas, variantes ortográficas, variantes lexicais e variantes sintáticas. Nos próximos itens demonstraremos como essas variantes se apresentam no domínio da Dermatologia.

3.1.1 Variantes fonológicas

Entendemos esse tipo de variante como as que são motivadas pelas diferenças fonéticas na pronúncia do termo. Em alguns casos, a etimologia popular parece ser a principal causa das alterações fonológicas. A ocorrência destas se dá, necessariamente, na fala ou na pronúncia e adquire expressão na escrita. Como exemplo podemos citar os seguintes casos:

Termo	Variantes
erisipela	esipra (<i>bras. N. pop.</i>)
furúnculo	frúnculo (<i>pop.</i>), frunco (<i>pop.</i>), fruncho (<i>pop.</i>)
lúpia	calombo (<i>bras. pop.</i>), lombinho (<i>bras. pop.</i>), lobinho (<i>pop.</i>)
terçol (hordéolo)	treçol (<i>pop.</i>), terçó (<i>pop.</i>), treçó (<i>pop.</i>), torçol (<i>pop.</i>), torçolho (<i>pop.</i>), terçolho (<i>pop.</i>), terçogo (<i>lus.</i>)

Nos termos *erisipela* e *furúnculo*, as variantes fonológicas ocorrem por terem surgido de termos proparoxítonos. No primeiro caso, o termo *esipra*, popular do norte do Brasil, é proveniente, segundo Houaiss (2001), de *erisípela*, forma proparoxítona de *erisipela*, e sofreu síncope da pós-tônica (fonema “e” da sílaba “pe”), passando pelas transformações:

erisípela → erisipla → [ersipra] → esipra

As três variantes fonológicas de *furúnculo* também são alterações populares desse termo por motivo semelhante ao de *erisipela*. Por ser proparoxítona, o termo *furúnculo* pode apresentar dificuldades de pronúncia a algumas classes sociais menos cultas, o que abre espaço para sínopes no termo e, conseqüentemente, ao aparecimento das variantes *frunco*, *fruncho* e *frúnculo*. Existe a possibilidade de essas variantes terem-se originado na fala dos portugueses, que têm a tendência a eliminar de sua pronúncia as vogais.

No caso de *lúpia*, de acordo com o dicionário Houaiss (2001), as variantes *lobinho* e *lombinho* foram formadas por influência de *calombo*. Essas variantes sofreram transformações fonológicas passando pelo seguinte processo: *calombo* → [lombo] → *lombinho* → *lobinho*.

Quanto a *terçol*, podemos observar a rica seqüência de variantes em torno do termo. Nesse caso, Houaiss (2001) explica que a forma *hordéolo* deriva do latim *hordeulus*, cujo diminutivo é *hordeum*, que significa *cevada* ou *trigo*. Esse chega ao espanhol como *orzuelo*, que origina o arcaísmo português *orçoo*, que uma etimologia popular interpretara como *torce olho*. A “etimologia popular” é um fenômeno que “une uma palavra a outra por semelhança fonética e alguma associação semântica, sem qualquer base no parentesco genético” (HOUISS, 2001). Assim, a forma *torce olho* passou por processos fonéticos na fala popular, gerando as variantes fonológicas *torçolho*, *terçolho*, *torçol*, *terçol*, *treçol*, *terçó*, *treçó*, *terçogo*.

Algumas variantes que vimos neste item, além de serem fonológicas, também se caracterizam como geográficas e socioletais, confir-

mando, assim, que uma variante pode ser classificada em mais de uma categoria.

3.1.2 Variantes morfológicas

São aquelas que apresentam, na estrutura dos termos, alteração de ordem morfológica, sem que o conceito se modifique.

Em Medicina, são comuns os sufixos *-ose*, *-ase*, *-ite*, *-ismo*, *-ia*, e radicais como *osteo-*, *mic-*, *trico-*, dentre outros. A alternância entre eles, em um par de termos, provoca a variação morfológica. A lista abaixo apresenta alguns exemplos encontrados em nossa pesquisa:

Termo	Variantes
candidíase	candidose
rickettsíase	rickettsiose
treponemose	treponemíase, treponematose
tinha fávica	tinha favosa
urticária macular	urticária maculosa
albinismo	albinia
actinomicose	actinomicetose
piodermite	piodermia, piodermatite
radiodermite	radiodermatite
osteofoliculite	periofoliculite

O sufixo *-ose*, de acordo com Houaiss (2001), é utilizado em Medicina

por uma especialização do greco-latino *-ose*, para formar os substantivos de diversos processos patológicos e doenças, sobre uma base que designa quer o órgão quer parte dele, quer determinada manifestação do processo em causa (como em *candidose*, *rickettsiose*), quer a natureza desse processo.

O sufixo *-íase* (*candidíase*, *rickettsíase*) é, segundo Houaiss “equivalente a *-ase*, formador de substantivos de estado”. Houaiss explica, então, que *-ase* é um sufixo típico da terminologia médica e biocientífica que vem sendo empregado desde o século XIX para indicar processos orgânicos, moléstias ou doenças. Por sua semelhança de sentido, os

sufixos *-ase* e *-ose* são, por vezes, empregados em relação sinonímica na terminologia da Dermatologia, produzindo variantes morfológicas.

Significando “inflamação”, o sufixo *-ite* ocorre em grande escala nos termos médicos, como em *foliculite*, *piodermite*, *radiodermite*. Para o sufixo *-ia* (em *albinia*, *piodermia*), Houaiss (2001) atribui a seguinte explicação:

Os vocabulários técnico e científico das línguas ocidentais de cultura foram, a partir do Renascimento e, em especial, do século XVIII, altamente influenciados, através da implantação progressiva do chamado latim científico, pelos radicais gregos em que substantivos abstratos designativos de formas de conhecimento, normalmente em grego *-ía*, e não *-eia*, eram objeto de adaptação em português, com freqüentes casos de vacilação, como se exemplificam na linguagem médica.

Dessa forma, o sufixo *-ia* é um formador de adjetivo sem função semântica específica. No par de variantes *piodermite* e *piodermia*, então, temos que o primeiro termo enfatiza o caráter inflamatório da doença, enquanto o segundo, mais genérico, não atribui essa especificidade.

No par *treponemose* e *treponematose* podemos descrever uma variação morfológica “interna”. O primeiro pode ser decomposto da seguinte forma: *trepo-* + *-nem(a)-* + *-ose*. Sua variante *treponematose* compõe-se dos morfemas *trepo-* + *nemat(o)-* + *-ose*. Todos esses morfemas ocorrem, segundo Houaiss, em cultismos da terminologia médica desde o século XIX. *Trepo-* significa “virar, dirigir, girar, mudar”; *-nemat(o)-* significa “fio, filamento”; *-nem(a)* é uma forma haplológica deste último; e *-ose* já foi comentado anteriormente. Por processo semelhante passam os pares *radiodermite* e *radiodermatite*, *piodermite* e *piodermatite*, *actinomicose* e *actinomicetose*.

O formante *ost(e/o)-* é classificado por Dorland (1997, p. xxi) como uma forma combinante da terminologia médica, do grego *osteon*, que significa “osso”. O prefixo *peri*⁻¹ é descrito como um “prefixo culto, do advérbio e preposição grega *perí* ‘em torno; acima de tudo; em volta

de, ao redor de” (HOUAISS, 2001). Cada um desses prefixos nos termos sinônimos *periofolliculite* e *osteofolliculite* retomam uma característica diferente da doença. O primeiro remete ao halo eritematoso que circunda as pequenas pústulas foliculares centradas por pêlo, e o segundo refere-se ao momento em que o processo ganha profundidade, podendo tornar-se crônico e atingir o osso.

3.1.3 Variantes ortográficas

Essa é a classe de variantes que apresentam alguma diferença na grafia. Vejamos os exemplos abaixo:

Termo	Variantes
piã	pian
antraz	anthrax
flegmão	fleimão, freimão
coxim falangeano	coxim falangiano
feiofomicose	feohifomicose
framboesia	framboésia
queilite	quilite
tricolemoma	triquilemoma
neuroma	nevroma
ceratose	queratose
cisto	quisto
abcesso	abscesso
Foliculite decalvante	foliculite descavante
uretrite não-gonocócica	uretrite pós-gonocócica
verruga peruana	verruga-peruana
mal das pintas	mal-das-pintas

Em *piã* e *pian*, por exemplo, notamos que a nasalidade da última sílaba proporcionou duas opções de grafia. A primeira forma está, entretanto, mais de acordo com as regras de ortografia da língua portuguesa.

O termo *neuroma* apresenta uma variante que manteve a letra *v*, forma gráfica da letra *u* em latim (*nevroma*).

Anthrax, forma grega e sua variante aportuguesada *antraz* (pelo latim medieval *anthrace*), cuja etimologia remete a “úlceras”, refere-se

à lesão característica da doença, que é extensa, profunda, alastrante e rebelde; forma uma placa, que apresenta múltiplos orifícios, por onde são eliminados pus e carnegão.

No par de variantes *framboesia* e *framboésia*, o acento altera a sílaba tônica do segundo termo, que, por meio desse processo fonológico, tem a última sílaba transformada em ditongo, originando a variante ortográfica.

O termo *abcesso* é uma forma não-preferencial de *abscesso*. O mesmo ocorre com *tricolemoma* e *triquilemoma*, *quisto* e *cisto* e *queratose* e *ceratose*. Os termos iniciados por *qu-* são formas que provieram do grego (*keratosis*), enquanto os iniciados por *c* constituem formas latinizadas e são tidas como preferenciais pela ortografia brasileira. Verificamos também que, em latim, a letra *c* antes de *e* e *i* possuía som de [k], tendo o português conservado na grafia esse fonema.

Os termos *verruga peruana/verruga-peruana* e *mal das pintas/mal-das-pintas* diferenciam-se na grafia pelo fato de um dos termos, complexo na origem, tornar-se um só termo composto por justaposição, por meio de construção hifenizada.

3.1.4 Variantes sintáticas

Dois termos complexos são variantes sintáticas quando se altera sua construção sintagmática. De acordo com Boutin-Quesnel (1985, p. 12) são as variantes caracterizadas por um conectivo diferente, como ocorre, por exemplo, com o par de termos *tumor glômico*, *tumor de glomus*. Para que um termo seja classificado nesse tipo de variação, deve, necessariamente, ser complexo ou composto por justaposição com hífen, ou seja, não pode ser um termo simples, deve ter mais de um elemento. No caso de *tumor glômico*, o segundo elemento (*glômico*) funciona como adjetivo; em *tumor de glomus*, temos em *de glomus* um adjunto adnominal.

Esse tipo de fenômeno ocorreu em outras variantes do domínio da Dermatologia. Alguns exemplos são:

Termo

acne **cosmética**
 urticária **física**
 fibromatose **cervical**
 urticária **ao frio**

Variantes

acne **por cosmético**
 urticária **por agentes físicos**
 fibromatose **do pescoço**
 urticária **do frio**

As variantes dos dois primeiros termos podem gerar interpretações diferentes dos termos principais. Em *urticária física*, por exemplo, pode haver a interpretação de que se trata simplesmente de uma doença “do corpo” (física), mas, com base em sua variante *urticária por agentes físicos*, é possível identificar que os agentes físicos (ou o contato com eles) são a causa da doença. No último exemplo ocorre o caso previsto por Boutin-Quesnel, ou seja, a troca de conectivos *ao* e *do* (*frio*).

3.1.5 Variantes lexicais

A estrutura do termo que sofre esse tipo de variação, da mesma forma que a anteriormente descrita, deve ser complexa. Nessas variantes, um dos elementos é substituído por outro, é omitido (elipse lexical) ou, ainda, muda de posição, sem que o conceito do termo se altere.

- Substituição de um dos elementos:

Termo

urticária do **frio**
 foliculite **ostial**
foliculite necrótica
 erisipela **metastática**

 úlcera **tropical**
éctima gangrenoso
doença de Hansen
 hanseníase **indeterminada**

 tuberculose **cutânea**
 verruga **necrogênica**
 lúpus **vulgar**
 sífilis **congénita**
 sífilis congênita **recente**
dermatofitose do corpo
 micose **profunda**
 pele de **peixe**

Variantes

urticária do **congelamento**
 foliculite **superficial**
acne necrótica
 erisipela **bolhosa**, erisipela/
gangrenosa, erisipela **recidivante**
 úlcera **fagedênica**
pioderma gangrenoso
mal de Hansen
 hanseníase **incharacterística**, hanseníase
indiferenciada
 tuberculose **dérmica**
 verruga **anatômica**, verruga/**tuberculosa**
 lúpus **tuberculoso**
 sífilis **hereditária**
 sífilis congênita **precoce**
tinha do corpo
 micose **subcutânea**
 pele de **jacaré**

• Elipse lexical:

Termo	Variante
acne rosácea	rosácea
granulose apostematosa de Puente	granulose apostematosa
necrobiose lipóidica diabética	necrobiose lipóidica
impetigo de Fox	impetigo
sicose lupóide de Brocq	sicose lupóide
foliculite perfurante do nariz	foliculite perfurante
tuberculose cutânea miliar aguda	tuberculose miliar aguda, tuberculose aguda
epitelioma intra-epidérmico	
de Borst-Jadassohn	epitelioma de Borst-Jadassohn
nevo melanocítico juncional	nevo juncional
linfoma cutâneo de células T adultas	linfoma cutâneo de células T, linfoma de células T
granuloma da linha médio-facial	granuloma médio-facial
ictiose fetal bolhosa	ictiose bolhosa

• Mudança de posição de um ou mais termos

Termo	Variante
linforreticulose de inoculação benigna	linforreticulose benigna de inoculação
nevo branco esponjoso	nevo esponjoso branco
fibromatose digital infantil	fibromatose infantil digital
eritema migratório necrolítico	eritema necrolítico migratório

No primeiro grupo (substituição dos elementos), o fenômeno mais evidente nos termos substituídos é a ênfase de uma ou outra característica da doença. Um exemplo é o termo *erisipela metastática*, que descreve a metástase característica da doença, ou seja, distensão ou deslocamento do tecido. As variantes desse termo, porém, privilegiam outras características: *erisipela bolhosa*, que se refere às grandes bolhas tensas, contendo líquido amarelo-citrino, que surgem devido à obstrução de vasos linfáticos; *erisipela gangrenosa*, que caracteriza a fase em que as bolhas se rompem e evoluem para necrose e úlcera superficial; *erisipela recidivante*, que caracteriza os surtos repetitivos da doença em alguns pacientes devido à baixa resistência tecidual. Esse processo não é observado quando os termos alterados são sinônimos, como em

tuberculose cutânea e tuberculose dérmica, micose profunda e micose subcutânea.

No segundo grupo (elipse lexical), os termos omitidos perdem uma parte da carga conceptual, como em *ictiose fetal bolhosa* e *ictiose bolhosa*, doença que acomete recém-nascidos, e em *foliculite perfurante do nariz* e *foliculite perfurante*, que se caracteriza por infecção de um folículo piloso do nariz e acaba perfurando a pele.

A mudança de posição de um ou mais termos, no terceiro grupo (mudança de posição de um ou mais termos), não afeta o conceito, mas pode privilegiar uma particularidade, assinalando-a em primeiro lugar, como em *fibromatose digital infantil* e *fibromatose infantil digital*, doença que surge nos primeiros meses de vida até o terceiro ano de idade e se localiza preferencialmente na face dorso-lateral dos dedos das mãos. O primeiro termo destaca o local de incidência da doença, e o segundo privilegia o paciente acometido.

3.2 Variantes terminológicas sociolingüísticas

São as variantes que ocorrem no âmbito do uso dos termos, caracterizadas por serem culturalmente marcadas, de acordo com o nível de língua e de discurso em que o termo ocorre. Fazem parte desse grupo as variantes geográficas, socioletais e cronoletais.

3.2.1 Variantes geográficas

São aquelas que ocorrem em diferentes regiões em que se fala a mesma língua. Esse tipo de variação é muito freqüente no Brasil, em todos os domínios. É favorecida pela extensão territorial do país, que, por causa da grande proporção, influencia fatalmente na diferenciação dos falares regionais. A seguir, alguns termos do domínio da Dermatologia que se enquadram nessa classificação:²

Termo	Variantes
erisipela	mal-de-monte (<i>bras. NE pop.</i>), mal-da-praia (<i>bras.</i>), maldita (<i>bras. pop.</i>), esipra (<i>bras. N. pop.</i>)
furúnculo	cabeça-de-prego (<i>bras. pop.</i>), bichoco (<i>lus. pop.</i>)
hordéolo	terçogo (<i>lus.</i>)
lúpia	lombinho (<i>bras. pop.</i>), calombo (<i>bras. pop.</i>)
hanseníase	mal (<i>bras. S.</i>), mal-do-sangue (<i>bras. pop.</i>), mal-de-cuia (<i>bras. SP pop.</i>), guarucaia (<i>bras.</i>), macota (<i>bras.</i>), macutena (<i>bras. MG</i>)
framboesia	piã (<i>bras.</i>)
pinta	puru-puru (<i>bras. pop.</i>), purupuru (<i>bras. pop.</i>)
queilite angular	canto-de-passarinho (<i>bras. BA pop.</i>), canto-de-sabiá (<i>bras. pop.</i>)
condiloma acuminado gigante de Buschke-Loewenstein	cavalo de crista (<i>bras. pop.</i>)

Sabemos que o Brasil, devido à grande proporção física, é muito rico em variantes geográficas. Nos termos acima, temos quase todas as regiões brasileiras: Norte, Nordeste (e o estado da Bahia) e Sul, e os estados de São Paulo e Minas Gerais, na região Sudeste. Os brasileirismos (*bras.*) são as variantes com incidência em todo território, sem uma região específica, e opõem-se aos lusitanismos (*lus.*), com incidência em Portugal.

3.2.2 Variantes socioletais

Essa classe de variantes é determinada necessariamente pelo nível de língua, na qual se denota o uso real dos termos. Auger (2001) atribui essa classificação às diferenças de registros das variantes. Incluem-se, então, os termos populares, familiares, vulgares etc. no nível informal, e os cultos (“cultismos”) no nível formal. Classificamos esses últimos, em Dermatologia, como os termos em latim. Alguns exemplos dos termos que se enquadram no nível informal são:

Termo	Variantes
impetigo	salsugem (<i>pop.</i>)
furúnculo	fruncho (<i>pop.</i>), frunco (<i>pop.</i>), frúnculo (<i>pop.</i>), bichoca (<i>pop.</i>), bichoco (<i>lus. pop.</i>), cabeça-de-prego (<i>bras. pop.</i>), nascida (<i>pop.</i>), nascido (<i>pop.</i>)
hordéolo	terçol (<i>pop.</i>), terçó (<i>pop.</i>), terçogo (<i>lus.</i>), terçolho (<i>pop.</i>), torçol (<i>pop.</i>), treçó (<i>pop.</i>), treçol (<i>pop.</i>)
erisipela	mal-do-monte (<i>pop.</i>), mal-de-monte (<i>bras. NE pop.</i>), maldita (<i>bras. pop.</i>), esipra (<i>bras. N pop.</i>)
hanseníase	gafa (<i>pop.</i>), gafo (<i>pop.</i>), lazeira (<i>pop.</i>), elefantíase-dos-gregos (<i>pop.</i>), mal-bruto (<i>pop.</i>), mal-de-lázaro (<i>pop.</i>), mal-de-são-lázaro (<i>pop.</i>), mal-morfético (<i>pop.</i>), mal-do-sangue, (<i>bras. pop.</i>), mal-de-cuia (<i>bras. SP pop.</i>)
sífilis	mal-americano (<i>pop.</i>), mal-canadense (<i>pop.</i>), mal-céltico (<i>pop.</i>), mal-da-baía-de-são-paulo (<i>pop.</i>), mal-de-coito (<i>pop.</i>), mal-de-fiúme (<i>pop.</i>), mal-de-franga (<i>pop.</i>), mal-de-frenga (<i>pop.</i>), mal-de-nápoles (<i>pop.</i>), mal-de-santa-eufêmia (<i>pop.</i>), mal-de-são-jó (<i>pop.</i>), mal-de-são-névio (<i>pop.</i>), mal-de-são-semento (<i>pop.</i>), mal-dos-cristãos (<i>pop.</i>), males (<i>pop.</i>), mal-escocês (<i>pop.</i>), mal-francês (<i>pop.</i>), mal-gálico (<i>pop.</i>), mal-germânico (<i>pop.</i>), mal-ilírico (<i>pop.</i>), mal-napolitano (<i>pop.</i>), mal-polaco (<i>pop.</i>), mal-turco (<i>pop.</i>), gálico (<i>pop.</i>), venéreo (<i>pop.</i>)
pinta	puru-puru (<i>bras. pop.</i>), azul, doença manchada (<i>pop.</i>), mal das pintas (<i>pop.</i>), mal-da-pinta, mal-do-pinto, purupuru (<i>bras. pop.</i>)
dermatofitose da barba	mentagra (<i>impr.</i>), coceira de barbeiro (<i>pop.</i>)
candidíase intertriginosa	assadura (<i>pop.</i>), assado (<i>pop.</i>)
estomatite cremosa	sapinho (<i>pop.</i>) sapinhos (<i>pop.</i>)
queilite angular	boqueira (<i>pop.</i>), quilite comissural, boqueiro (<i>pop.</i>), canto-de-passarinho (<i>bras. BA pop.</i>), canto-de-sabiá (<i>bras. pop.</i>), sabiá (<i>pop.</i>)

gonorréia	esquentamento (<i>pop.</i>), pingadeira (<i>pop.</i>), purgação (<i>pop.</i>)
condiloma acuminado gigante de Buschke-Loewenstein	cavalo de crista (<i>bras. pop.</i>)
nevo melanocítico	mancha café-com-leite (<i>pop.</i>)
lúpia	lobinho (<i>pop.</i>), lombinho (<i>bras. pop.</i>), calombo (<i>bras. pop.</i>)

Vemos nos termos acima que, além de socioletais, algumas variantes são também geográficas, como *cabeça-de-prego* (*bras. pop.*), *maldita* (*bras. pop.*), *esipra* (*bras. N pop.*) *lombinho* (*bras. pop.*), dentre outras.

Quanto aos cultismos, isto é, variantes socioletais de nível formal, podemos notar que estão bastante presentes na terminologia médica por meio dos termos latinizados. Vejamos o primeiro quadro de termos abaixo:

Termo	Variantes
foliculite abscedante	<i>folliculitis abscedens et suffodiens</i>
tuberculose luposa	<i>tuberculosis luposa cutis</i>
tuberculíde liquenóide	<i>lichen scrofulosorum</i>
dermatofitose do couro cabeludo	<i>tinea capitis, tinea tonsurans</i>
dermatofitose do corpo	<i>tinea corporis, tinea circinata</i>
dermatofitose marginada	<i>tinea cruris</i>
dermatofitose dos pés	<i>tinea pedis</i>
dermatofitose das mãos	<i>tinea manum, tinea nigra</i>
dermatofitose imbricata	<i>tinea imbricata</i>
dermatofitose ungueal	<i>tinea unguium</i>
dermatofitose da face	<i>tinea faciale</i>
dermatofitose da barba	<i>tinea barbae</i>
candidíase intertriginosa	<i>erosio digitalis blastomycetica</i>
granuloma anular	<i>granuloma annulare</i>
necrobiose lipóidica	<i>necrobiosis lipoidica, necrobiosis lipoidica diabetorum</i>
linfogramuloma venéreo	<i>lymphogranuloma venereum</i>
cilindroma	<i>tumours turbans</i>
angioma plano	<i>nevus flammeus, nallvus flammeus</i>
angioma estelar	<i>spider nevus, nevus araneus</i>
angioceratoma de Fabry	<i>angiokeratoma corporis diffusum</i>
telangiectasia macular eruptiva <i>pertans</i>	<i>telangiectasia macularis eruptiva pertans</i>
fibromatose peniana	<i>indurativo penis plastica</i>
ictiose histrix	<i>nevus verrucosus</i>

Na coluna à esquerda encontram-se os termos vernáculos (português) sinônimos dos latinizados, que constam da coluna à direita. Verificamos, portanto, que, em Dermatologia, existem termos vernáculos (em português) e respectivas variantes cultas, em forma latinizada.

Em nossa pesquisa, observamos também a presença de variantes não totalmente latinizadas, ou seja, em que nem todos os elementos que formam os termos complexos estão em latim, como podemos verificar no quadro abaixo:

urticária factícia	urticária <i>factitia</i>
ceratólise pontuada	<i>keratolysis</i> plantar sulcada de Castellani
tuberculíde liquenóide	líquen <i>scrofulosorum</i>
micobacteriose atípica ulcerada	ulceração crônica por <i>Mycobacterium ulcerans</i>
dermatofitose	dermatofitose inflamatória tipo <i>folliculitis capitis abscedens et suffodiens</i>
necrobiose lipoídica	necrobiose lipoídica <i>diabeticorum</i> (Oppenheim Urbach)
herpes simples genital	herpes <i>catarrhalis</i>
ictiose bolhosa	<i>epidermolysis</i> bolhosa

Os termos complexos acima são compostos por um ou mais elementos em vernáculo (português) e por um ou mais elementos latinizados.

Gostaríamos de ressaltar que preferimos utilizar a expressão “termos latinizados” por dois motivos principais: 1) nem todos os formantes dos termos (radicais e afixos) são de origem latina, sendo muitos de origem grega ou de outros idiomas; 2) esses termos foram cunhados recentemente ou, pelo menos, não existiam, em sua grande maioria, em épocas remotas.

Desse modo, os termos considerados “cultismos” foram criados por cientistas, sobretudo no século passado, e o fizeram em latim por ser essa língua uma referência na história da medicina e por até hoje exercer influência quando da criação de neologismos nas diferentes áreas médicas.

3.2.3 Variantes cronoletais

São as variantes diacrônicas ou temporais, ou seja, aquelas que designam o mesmo conceito (ou conceitos muito próximos) em épocas diferentes. Assim, os termos podem cair em desuso e ser substituídos por outros. É o fenômeno da mudança lingüística. Os seguintes exemplos de nosso *corpus* ilustram esse fenômeno:

Termo	Variantes
hidroadenite	hidrosadenite (<i>desus.</i>)
dermatofitose do couro cabeludo	tinha favosa (<i>obsol.</i>)
doença sexualmente transmissível	doença venérea (<i>obsol.</i>)
hanseníase	gafa (<i>pop. obsol.</i>), gafo (<i>pop. obsol.</i>)

Os termos *hidrosadenite* e *tinha favosa* vigoraram durante algum tempo na terminologia da Dermatologia brasileira, tendo caído em desuso, cedendo, atualmente, espaço a *hidroadenite* e *dermatofitose do couro cabeludo* (e suas outras variantes), preferidos pelos especialistas. Esse processo de “construção dos saberes” é, segundo Auger (2001, p. 205), o fenômeno de evolução da ciência em busca de uma terminologia mais adequada e exata.

4 CONCLUSÃO

A variação lexical não deturpa a língua; ao contrário, alimenta-a. Assim como as unidades lexicais da língua geral, os termos das áreas de especialidade estão sujeitos à variação, quer no tempo, quer no espaço, quer na sociedade.

Nos estudos terminológicos atuais, sobretudo após o advento da socioterminologia, a variação lingüística é reconhecida como um fenômeno natural, inclusive nos domínios de especialidade; a variação é passível de ser descrita, categorizada e analisada cientificamente. Assim como a língua geral, as línguas de especialidades não são estáticas, mas estão vivas e em constante evolução, abertas ao surgimento de neologismos.

O discurso técnico e científico parece ser, por definição, invariável ou mesmo estilístico. Os estudos socioterminológicos, entretanto, demonstram que, para qualquer área, há necessidade de adaptação às circunstâncias comunicativas, nas quais a variação é efetiva.

Esses princípios teóricos nortearam este trabalho e verificamos que as observações acima são válidas também para a terminologia da Dermatologia, na qual ocorrem variações lexicais de tipo lingüístico e sociolingüístico, em suas diferentes formas, que se enquadram em uma ou mais de uma categoria.

TERMINOLOGY VARIATION IN PORTUGUESE IN THE DOMAIN OF DERMATOLOGY

ABSTRACT

Dermatological terminology includes not only scientific terms but also everyday ones utilised by patients, which doctors need to know if communication is to take place. The objective of this study is to outline Dermatological terminology in Portuguese with respect to terminological variation.

KEY WORDS: Terminology, lexical variation, dermatology, socioterminology.

NOTAS

1. Alguns autores, como Henri Cottez (1988, p. 314-315), consideram *peri-* como um formante (radical) que ocupa normalmente posição prefixal em relação a outro radical.
2. As marcas de uso relativas aos termos analisados neste artigo foram dispostas entre parênteses após cada termo e são as seguintes: AL = Alagoas; BA = Bahia; bras.= brasileirismo; impr. = impróprio; lus = lusitanismo; MG = Minas Gerais; obsol. = obsoleto; N = Norte; NE = Nordeste; pop. = popular; S = Sul; SP = São Paulo. Cumpre observar que nem sempre são nítidos os critérios para que cada termo seja classificado com uma ou outra marca de uso. Destacamos, porém, que essas marcas correspondem às encontradas no Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI (1999) e no Dicionário Houaiss Eletrônico (2001).

REFERÊNCIAS

- AUBERT, F. H. Língua como estrutura e como fato histórico-social: conseqüências para a terminologia. In: ALVES, I. M. (Org.). *Cadernos de Terminologia*, n. 1, p. 11-15, 1996a.
- AUGER, P. Éssai d'élaboration d'un modèle terminologique/terminographique variationniste. *TradTerm*, São Paulo, v. 7, p. 183-224, 2001.
- BOULANGER, J. C. Présentation: images et parcours de la socioterminologie. *Meta*, v. 40, n. 2, p. 194-205, jun. 1995.
- CABRÉ, M. T. *La terminología: representación y comunicación*. Elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: IULA, 1999.
- _____. Lexicología y variación: hacia un modelo integrado. In: *Actas del Simposio Iberoamericano de Terminología-RITerm*, 1996. Disponível em: <http://www.unilat.org/dtil/MEXICO/cabre.html>. Acesso em: 30 ago. 2003.
- COTTEZ, H. *Dictionnaire des structures du vocabulaire savant*. Eléments et modèles de formation. Paris: Le Robert, 1988.
- DICIONÁRIO Aurélio Eletrônico Século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lexicom Informática, 1999. CD-ROM, versão 3.0.
- DICIONÁRIO Houaiss Eletrônico. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM, versão 1.0.
- DORLAND, W. A. N. *Dicionário médico*. 25. ed. São Paulo: Rocca, 1997.
- FAULSTICH, E. Entre a sincronia e a diacronia: variação terminológica no código e na língua. In: CORREIA, M. (Org.). *Terminologia, desenvolvimento e identidade nacional*. Lisboa: Colibri/ILTEC, 2002. p. 61-74.
- _____. Variação terminológica: algumas tendências no português do Brasil. In: *Cicle de conferències 96-97: lèxic, corpus i diccionaris*. Barcelona: IULA, 1997.
- GAUDIN, F. *Pour une socioterminologie: des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*. Rouen: Université de Rouen, 1993. (Coleção Publications de l'Université de Rouen, 182).
- KRIEGER, M. G. Terminologia técnico-científica: seu papel no Mercosul. *Boletim da Abralín*, n. 24, fev. 2001. Disponível em: http://www.lettras.ufrj.br/abralin/boletim/boletim24_tema02.html
- REY, A. *La terminologie: noms et notions*. Paris: PUF, 1979. (Coll. Que sais-je?).
- ROUSSEAU, L.-J. Terminologie et aménagement linguistique. In: *Jornada Panllatina de Terminologia: perspectives i camps d'aplicació*. Barcelona: IULA, 1996.

